

Sérgio Malsbarte

descoincuetizar

SPH
p. 36 10/13
(1/2)

Sérgio apareceu no Rio em 1922 como representante da revista Maxim do grupo de escritores que haviam desencadeado a Semana de Arte Moderna. Com a ausência da sua família para o Rio de Janeiro ficou sendo assim uma espécie de cônjuge da jovem intelectualidade renovadora da Paulicéia. Começou a frequentar o curso de Direito no casarão do Café de seu maior convidado. Lá conheceu Edgardo de Castro Rebelo, o único professor que levou a sério o rapaz que estava disposto a descoincuetizar a literatura. Seu colega da turma Prudente Moraes, certo, aderiu ao projeto. Sérgio era um rapaz alto e magro, jeito de elefante. Tinha contido uma vaga semelhança com o Presidente Woodrow Wilson. A brincadeira fez com que abandonasse os estudos e passasse a trabalhar de novo no local na rua do Ouvidor, sobriamente litor e papais. Faz amizade com novo mundo, desde o romancista Lygia Barreto, que recebeu de uariz Torcido a novidade paulistana ("esse pessoal tem a mania de descobrir um e um de coruja") até os frequentadores da Garnier, Freitas Bastos, Krashley e Pinguim: Raul de Leoni, Manuel Bandeira, Odebrecht de Pennafort, Américo Facó e a trupe da jornada do jornalista: Múcio Leão, Austrageisilo de Athayde e Ribeiro Couto. Barbosa Lima Sobrinho convidou-o para redigir no Jornal do Brasil "O dia dos senadores". Colaborou no Revista Literária, onde fez uma série de book-reviews. Gustavo editou que escrevesse para o Fou-fou sobre os futuristas de São Paulo. Mas o que ele gostava mesmo era da turma da Brahma e do Bar Nacional, com Jaime Ovalle, Santa Milazzo (que a todos assombrava com a sua bela voz de tenor), Dôdo Barroso do Amaral (imbatível na queda de braço), que descobriram o Restaurante Reis, onde se contava bem a barata. De repente, o Reis passou a ser frequentado pelo embaixador Alvaro Reyes, pelas autoras Germana e Bitencourt e Elsie Houston e seu marido Patrício Benjamin Peret, poeta surrealista, autor do Amor sublime, Vila-Lobos, Di Cavalcanti, Blaise Cendrars, quando das suas frequentes incursões ao Rio e São Paulo. Cendrars chamava a Sérgio o "Radical do modernismo". Fez entrevistas com Jacinto Benavente, Pinaudello, ~~Marinetti~~, Marinetti, o próprio Cendrars e todos os estrangeiros diferentes que apareciam. Foi Sérgio quem primeiro falou em Madame Satan que operava na ilha do Novo México, na Lapa, e sua segunda Patrocinadora do Brasil, identificando em ambos manifestações do surrealismo nascente. Tomou parte nos campeonatos de choppes de Brahma. Só perdeu para o Rei dos Cisnes, que esvaziava 150 canecos por vezada. Apresentou solenemente Gilberto Freyre a Nestor Victor, papa do simbolismo. Gilberto exibiu um cartão com o nome de J.J. Guérin Saunpato, candidato à Academia Piauiense de Letras. Daí surgiu o movimento imaginário dos "homens do Piauí". Sérgio e Prudente pensaram em ingressar no Partido Comunista, ao tempo do Bloco Operário e Camponês (1926). Foram entrevistados por Otávio Brandão mas consideraram demasiado sectário o programa e o líder não muito inteligente. Rodrigo M. F. de Andrade levou Sérgio para os Diários Associados, que então se organizavam. Mas não deixou o Jornal do Brasil, onde estampou a famosa crônica que obrigou Tristão de Athayde a definir-se pelo catolicismo e escrever o "Adesão à disponibilidade". Na Revista do Brasil, na fase de Rodrigo, Sérgio publicou "Olhado oposto e outros lados", rompendo com os modernistas acadêmicos, que já estavam de olho na Academia. Prudente, seu maior amigo e grande companheiro, acabou apoiando os modernistas mas uma vez se desviaram. Sérgio e Prudente tinham fundado a revista Estética, com Afonso

acusado
Prudente foi ~~advogado~~ de agente do imperialismo internacional porque o pai era advogado da Liget.

Amigos de Melo Franco. Grace Aranha havia escolhido o
nome da revista, ~~Art~~ que acabou desenhando um livro de
Ronald. Grace não gostou e fundou o grupo chamado da
Mesa, com ele, Ronald ~~de~~ I e Teixeira Soares. Prudente e Ser-
gio procuraram um sucessor para Grace. Tentaram convencer
Alberto de Oliveira a chefiar a dissidência. Este recusou-se
a receber os papéis, colocando um cadeado de guarda no
portão da sua casa em São Cristóvão. ~~Alberto~~ Alberto Ramos,
diretor da Agência Havas, poeta do Centenário, também
não quis o lugar de Grace Aranha. Sergio Natchallava
com Alberto, era o maior datilógrafo da redação e o mais
rápido Natchallava de telegramas que eram recebidos em
francês, inglês e alemão.

Francisco de M. Barbosa